

Pensamentos Qlifóticos

Os **Qliphoth / Qlippoth / Qelippot** ou **Kelipot** (hebr. קליפות, literalmente “cascas”, “conchas” ou “invólucros”, do singular **Qliphah/Kelipah** — קליפה, “casca” ou “invólucro”) são, nos textos da Cabala, associados ao reino do mal, também chamado de **Sitra Achra / Sitra Ahra** (aramaico סטרא אחרא), “o Outro Lado”, oposto à santidade.

A **Árvore da Morte** é o tema sobre o qual falarei hoje, bem como os caminhos sobre ela conhecidos como **Túneis de Set**. Existem muitas boas — e algumas não tão notáveis — obras sobre os **Kelipot**, incluindo *Scales of the Black Serpent – Basic Qlippothic Magick*, de **Michael W. Ford**; *The Nightside of Eden*, de **Kenneth Grant**; *Nightshades: A Tourist Guide to the Nightside*, de **Jan Fries**; *Sabbatica, the Seas of Death and the Arcanna of Deathbringer*, de **Edgar Kerval** e **S. Ben Qayin**; e o clássico do qual todos nós extraímos muito material, *Qabalah, Qliphoth and Goetic Magic*, de **Thomas Karlsson** e **Timo Ketola**.

Esta é apenas uma pequena amostra das fontes das quais estarei me baseando — há muitas outras.

Segundo **Gershom Scholem**, o *Zohar* interpreta o mal como “**o resíduo dos processos orgânicos da vida oculta**”. O mal é algo que foi rejeitado ou expelido, mas sobre o qual caiu uma centelha da Vida proveniente de Deus, concedendo-lhe uma espécie de “vida”. Trata-se de uma forma sem força interior, uma casca oca, uma ilusão vazia. É a “pele” descartada das **Sephiroth**.

O *Zohar* frequentemente explica os **Qliphoth** como forças responsáveis pela interrupção da continuidade da evolução humana. A razão para isso seria que os Qliphoth, que podem existir facilmente no **Grande Vazio** devido à sua própria natureza, alimentam-se da **entropia**.

Existe também a ideia de que a forma ideal do continuum dimensional superior do universo seria a de um **toro tubular** (um torus). Nesse modelo, o **Abismo** de onde os Qliphoth parecem surgir seria o vazio no centro desse torus — o ponto zero do continuum dimensional.

Se os Qliphoth tiveram de atravessar o centro desse continuum dimensional ou temporal para chegar até aqui (é provável que essa travessia tenha ocorrido durante a **Fratura**, nos tempos de **Atlântida**), então vieram do Abismo com um impulso fundamentalmente oposto ao nosso. Em vez de viver da energia do **Fluxo**, como nós, os Qliphoth viveriam da energia negativa da **Entropia**, isto é, da dispersão da energia causada pela morte ou por outros processos entrópicos.

“Como chegar ao torus?”, você pode perguntar. Bem, o caminho que a maioria de nós utiliza é **Lilith**, e é dentro dela que o magista deve buscar os outros Qliphoth. É em direção a ela que o **pentagrama mágico** aponta.

O pentagrama da magia negra aponta para a **terra**, para o **solo**, para os **tempos antigos** e o **primordial**. É ali que se encontram os Qliphoth. Eles representam a realidade que nos recusamos a ver.

Um magista das trevas não faz como o adepto das tradições de luz, que contempla os céus em busca de algum mundo utópico celestial. O magista das trevas dirige o olhar para a terra, buscando os tesouros que foram ocultados por milhares de anos.

O **ventre de Lilith** é a tumba na qual o adepto das trevas entra voluntariamente — descendo ao reino da morte e ao submundo em uma jornada iniciática rumo ao renascimento.

Na verdade, encontrar a **Qliphah de Lilith** é a primeira dificuldade para o magista qlifótico. Lilith é o **anti-mundo** do nosso mundo mundano, **Malkuth**. Isso significa que ela existe no meio do nosso próprio mundo, porém em aspectos dos quais o ser humano normalmente não tem consciência.

Ao explorar os princípios que constituem o mundo mundano, é possível encontrar a Qliphah de Lilith indo **além e contra** esses princípios.

O estado normal de vigília é o nível básico de consciência da existência humana. O **sono** é a ausência desse estado desperto — e o sono também é o **ventre da Qliphah de Lilith**.

Partes reprimidas de nossa mente aparecem nos sonhos e frequentemente assumem formas demoníacas que refletem tanto nossos **desejos** quanto nossos **medos**.

Segundo **Karlsson**, se a seguinte fórmula for entoada **13 vezes**, Lilith supostamente aparecerá:

marag ama lilith rimok samalo naamah

Isso funciona — mas há uma dama com quem você deve falar primeiro: **Naamah**.

Ela já foi chamada de filha ou irmã mais nova de Lilith. Em visões, aparece como uma poderosa rainha vestida com roupas preciosas e joias. Às vezes é sedutora; em outras ocasiões pode manifestar um caráter tirânico.

Quando o magista deseja canalizar a força da Qliphah, **Naamah** é invocada. Essa força é usada principalmente em rituais relacionados à **influência e controle do plano material**.

Lilith é o **lado sombrio da Shekinah**, correspondendo à **Sophia gnóstica** e à **Shakti tântrica**. Em terminologia tântrica, Lilith corresponde ao lado interno ou posterior do **chakra Muladhara**.

O **Muladhara** é a zona de energia localizada entre o ânus e os genitais — o local onde repousa o **dragão adormecido**, a **Kundalini**.

Tudo isso é apenas a **ponta do Abismo** quando se trata desse assunto profundo, mas deve oferecer a todos vocês, luciferianos, algum alimento para reflexão.

Boa caminhada — e que a **Chama Negra** ilumine o seu caminho.

Vincent Piazza.